



Contornos iniciais de uma pesquisa em comunicação¹

Klycia Fontenele OLIVEIRA²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Apresentam-se as primeiras reflexões sobre as escolhas paradigmáticas que nortearão a pesquisa de mestrado, intitulada “Bairro Antônio Bezerra: histórias e identidades pelas trajetórias do site *AntonioBnezerra.Com.Br* e da rádio *Costa Oeste FM 87,9*”. Para tanto, reflete-se, também, sobre o campo teórico das pesquisas em comunicação e a relação política presente na produção do conhecimento científico. A pesquisa que motiva tais reflexões tem por objetivo saber como um site popular e uma rádio comunitária comunicam cotidianos do bairro Antônio Bezerra, e como as autoimagens, construídas por tais veículos, estimulam a organização social e política dos moradores ao reforçar (ou criar?) elos identitários.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa em comunicação; paradigma; materialismo histórico dialético.

ABSTRACT

Presents the first reflections on the paradigmatic choices that will guide the master's research entitled "Subdivision Antonio Bezerra: histories and identities by trajectories site *AntonioBnezerra.Com.Br* and West Coast Radio 87.9 FM". For this, too, is reflected on the theoretical field of research in communication and political relationship present in the production of scientific knowledge. The research that motivates such reflections aims to find out how a popular site and a community radio communicate everyday Antonio Bezerra the neighborhood, and how the self-images constructed by such vehicles, encourage social and political organization of residents to strengthen (or create?) identity links.

KEYWORDS: communication research; paradigm; dialectical historical materialism.

1. Introdução

Experiências comunicativas protagonizadas pelo povo estão presentes no cotidiano brasileiro e ajudaram a construir a história do país. São experiências que se mesclam às expressões artísticas e culturais e cuja ligação quebra “o círculo do silêncio,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), professora de Comunicação Social da Faculdade Cearense (FaC) email: klyciafontenele@gmail.com.



na luta diária pela sobrevivência.” (ALVES, 1986, p. 119). Um silêncio imposto não apenas em períodos ditatoriais quando direitos sociais e políticos são cerceados, mas que também é forjado diante das necessidades de sobrevivência agravadas pelas desigualdades econômicas e sociais no Brasil.

Nessa dinâmica que interliga comunicação e cultura, esses grupos acabam por construir representações sobre si. Apropriando-se da comunicação, difundem imagens da periferia que se contrapõem àquelas concebidas pelos meios de comunicação de massa, que, em geral, mostram uma periferia estereotipada, ora romanceada, ora criminalizada. Essas experiências – que não se enquadram como comunicação de massa, seja pela razão de existir, pelo conteúdo, rotinas de produção ou pelo alcance – apresentam o popular distante da ideia de rústico ou inculto ao ocupar o espaço até então destinado a especialistas (a mídia tradicional).

Localizado na periferia de Fortaleza, o bairro Antônio Bezerra serve como cenário para duas experiências comunicativas. A *Costa Oeste FM 87,9* – rádio comunitária da Associação Cultural de Santa Edwiges, que funciona com licença provisória (OBSCOMCOM, 2008), obtida pela Portaria nº 1.594, de 9 de agosto de 2002 (BRASIL, 2004) – e o site popular *AntonioBezerra.Com.Br*, o *BAB*, cujo lançamento, em julho de 2005, coincidiu com as comemorações dos 65 anos de existência do bairro Antônio Bezerra (DIÁRIO DO NORDESTE, 2005).

Com a curiosidade em compreender se esses veículos, ao comunicar o cotidiano do Antônio Bezerra, constroem (ou reforçam) autoimagens, que ao reforçarem traços identitários, fomentam a organização social e política dos moradores do bairro, é que foi proposta a pesquisa de mestrado, intitulada “Bairro Antônio Bezerra: histórias e identidades pelas trajetórias do site *AntonioBezerra.Com.Br* e da rádio *Costa Oeste FM 87,9*”. Para tanto, tendo como base a etnografia, assume-se, ainda, o desafio de compor a trajetória dessas duas experiências, relacionando-as à história do próprio bairro.

Embora haja certo acordo na escolha dos objetivos e metodologia para a pesquisa em questão, é importante que se reflita sobre quais paradigmas servirão como alicerce para este trabalho, tendo em vista a tradição interdisciplinar dos estudos em comunicação. Afinal,

as influências podem e devem vir numerosas; mas é preciso organizar sua absorção em função de um problema específico, de uma questão própria – que é a própria comunicação. Trata-se, em outras palavras,



do modelo comunicativo, do paradigma da área (FRANÇA, 2001, s/p)³.

Essa discussão é motivada também pela preocupação em não esvaziar o sentido de paradigma, tantas vezes, tratado de forma superficial, ao ser confundido com modelos ou referenciais teóricos. Como França (2001), compreende-se que a ideia de paradigma se coaduna a uma estrutura matricial. Ele

é o esquema organizador das teorias. O paradigma direciona a apreensão e o tratamento das teorias; ele é definidor das perguntas a serem respondidas. O paradigma conduz o processo de conhecimento, ordenando a iluminação trazida pelas teorias (FRANÇA, 2001, s/p).

Apesar disso, não há, aqui, a ousadia de se aprofundar no estatuto teórico da comunicação, simplesmente, por ainda se saber incipiente o nosso acúmulo de estudos e discussões sobre a temática. Este ensaio tem, então, o objetivo de externar as primeiras reflexões que vêm moldando o caminho que intentamos percorrer, inclusive, sobre as escolhas paradigmáticas a se fazer. A ideia é, discutindo sobre quais contornos construir para essa pesquisa que se avista, refletir também sobre o campo teórico das pesquisas em comunicação, e a relação política presente na produção do conhecimento científico.

2. O conhecimento científico

Típica atividade humana, conhecer pressupõe um “debruçar sobre”, quando o sujeito, a partir de um objeto, de um problema a ser explorado, elabora uma representação do conhecido, que se diferencia do objeto inicial e se constitui do resultado da relação estabelecida entre sujeito e objeto. “O conhecimento produz, assim, modelos de apreensão – que por sua vez vão instruir conhecimentos futuros.” (FRANÇA, 2003, p. 43).

Ao apreender aspectos da realidade – seja de que ordem for – é criada a capacidade de intervenção nesta realidade, seja para preservá-la ou transformá-la. É essa aptidão que diferencia a humanidade do restante da natureza. Além disso, esse encadeamento de um conhecimento que produz o seguinte e assim por diante denota o poder inerente a quem o produz ou o detém.

Dentre as tantas formas de conhecer, há a ciência. Fruto de pesquisa e estudos sistemáticos, associados a métodos específicos, ela assume para si “a busca permanente do conhecimento objetivo, fidedigno, aprofundado e sistemático da realidade.”

³ FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In.: **Ciberlegenda**, 2001, nº 5. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>>. Acesso: 03/08/2013.



(FRANÇA, 2003, p. 44). É regida, ou pelo menos deveria ser, por interesses universais, por aquilo que nasce com a perspectiva de ser útil à coletividade.

Se é este o exercício que produz o conhecimento científico, ele deveria, então, estar a serviço da humanidade, embora, incontáveis vezes, a pesquisa que origina a ciência surja de motivações individuais ou de grupos particulares. Sua universalidade esbarra, ainda, em um condicionante: o contexto econômico e político, pois “a ciência é um fenômeno social e histórico, sujeito a condicionamentos e influências.” (FRANÇA, 2003, p. 44).

Entende-se, ainda, que “não é a consciência dos homens que determina a realidade, ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência (MARX, *apud* IANNI, 1979, p. 23)⁴. Diante disso, essa consciência analítica deve ser entendida com base nas condições materiais de existência humana, organizadas, hoje, por uma sociedade das mercadorias.

Ocorre que as várias modalidades de consciência (ou ciência), mais ou menos límpidas ou obscurecidas, invertidas ou fetichizadas, constituem-se, segundo as posições relativas das pessoas, grupos e classes sociais, nas relações de dependência, alienação e antagonismo em que se acham inseridas (IANNI, 1979, p. 24).

Essas relações, conforme alerta Marx (*apud*, IANNI, 1979), não surgem claras, ordenadas e transparentes nas ações e na consciência das pessoas.

Aqui, aponta-se para a perspectiva do método dialético, que, no pensamento moderno, afasta-se da ideia grega de diálogo, de dualidade, para pensar as contradições da realidade, ou seja, parte-se do princípio de que a realidade é contraditória e estaria sempre em constante transformação. E, apesar das críticas sobre esse método (leis dialéticas, relação entre homem e natureza), compreender as mediações e conflitos que constituem a totalidade, sempre em permanente construção, aponta para a importância de rever o pensamento dialético como basilar para os estudos nas ciências humanas e sociais aplicadas, mais precisamente, para as pesquisas em comunicação social.

Afinal, entendendo o conhecimento como estratégia para desvendar a realidade, reconhecer suas limitações, negá-las e superar suas adversidades carece de olhar o fenômeno como parte da essência e vice versa, compreendendo que a essência e o movimento não devem ser apartados. Ressalta-se, portanto, que o enfoque dado neste ensaio é no pensamento dialético em Marx, o qual até incide sobre a dialética hegeliana,

⁴ MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política, p. 30-31.



porém, com uma diferença fundamental: Marx era materialista, enquanto Hegel era idealista.

Outro aspecto a se considerar é que a realidade sempre se apresenta mais rica do que o conhecimento, do que a síntese humana. Ela sempre será mais complexa do que a visão de conjunto que possibilita a descoberta da “estrutura significativa” da realidade apresentada em cada situação, ou seja, a descoberta da totalidade. Reconhecer a existência do novo como uma constante obriga aqueles, que tentam compreender a realidade, a não cristalizarem seus pensamentos. Haja vista a totalidade como “um momento de um processo de totalização”, que “nunca alcança uma etapa definitiva e acabada.” (KONDER, 1988, p. 37).

Mesmo que pareça inócua e sem fim a busca por compreender a realidade por sua síntese, é impossível não desprender esforços nesta incessante procura. Afinal, a análise, que sugere um compor e recompor o conhecimento inicial que serviu como ponto de partida para a elaboração de um novo conhecimento, deve se basear em uma síntese, por mais precária que ela possa ser.

Isso porque “certa compreensão do todo precede a própria possibilidade de aprofundar o conhecimento das partes.” (KONDER, 1988, p. 42). Embora não haja certezas se a totalização feita é a mais abrangente, que desembocaria em uma totalidade correta, pois, como bem aponta Konder (1988, p. 41),

nenhuma teoria pode ser tão boa a ponto de nos evitar erros. A gente depende, em última análise, da prática – especialmente da prática social – para verificar o maior ou menor acerto do nosso trabalho com os conceitos (e com as totalizações).

Diante disso, não se pode ver a teoria em uma relação mecânica com o mundo, porque “o conhecimento começa e termina na prática; afasta-se e retorna ao que negou – afirmando-o dentro de uma nova forma de existência (ou significação).” (FRANÇA, 2003, p. 46). É por isso que não se concebem verdades trans-históricas, independentes da história, sem relação com o lugar e o momento.

Portanto, aquilo a que chamamos epistemologia corre sempre o risco de ser apenas uma forma de discurso justificativo da ciência ou de uma posição no campo científico, ou ainda, uma repetição falsamente neutralizada do discurso dominante da ciência sobre si mesma (BOURDIEU, 2004. p 11e17, *apud* FERRARA, 2008, p. 2).

Assim, a ciência deve ser entendida como resultado de um contexto histórico, sendo a verdade científica limitada, por conseguinte, não absoluta, e sujeita a questionamentos e superações. Ainda mais quando se corrobora o pensamento de Marx



(*apud*, KONDER, 1988) para quem “conhecer não é um ato, mas um processo”. E especialmente, quando este processo se refere a fenômenos sociais, como é o caso da comunicação, que, na sociedade contemporânea, vive um momento de total ebulição jamais antevisto.

Ao longo da história, de laboratórios em quartos de porões à cátedra, a ciência vem galgando um extenso caminho, passando a ter a universidade como o lugar de excelência para sua produção. De um lado, a academia vai permitir uma organicidade que ordenará o pensamento científico, com suas descobertas e invenções, ao estabelecer e rotinizar regras e procedimentos na sistematização do que é produzido. Como também, principalmente nos tempos atuais, irá intervir na captação de recursos financeiros que viabilizem diversos estudos, e servir como mediadora para divulgação dos conhecimentos científicos elaborados.

Por outro lado, a associação entre universidade e produção da ciência condiciona a produção científica a uma emaranhada rede de interesses cujas nuances vão do inflar de egos a decisões e ações políticas que impõem o que e como se deve pesquisar. A ciência é, então, cada vez mais, calcada pelas disputas de poder. E, se sua natureza histórica já a torna parcial e sujeita a erros, este acirramento na condução dos rumos que a ciência deva trilhar incorre em um conhecimento científico marcado por interferências ideológicas com fins de preservar ou conquistar posição de poder (FRANÇA, 2003).

Nos dias de hoje, um “violento assalto” contra instituições educacionais públicas acontece, seja “através do corte de financiamentos, quanto através da redefinição – em termos estritamente capitalistas – do significado de utilidade.” (JOHNSON, 2010, p. 18). Apesar de o autor se referir, especificamente, aos Estados Unidos e à Inglaterra, não é difícil perceber que essa situação, mesmo com particularidades que acompanham a conjuntura de cada local, também se aplica aos demais países, inclusive, ao Brasil.

Tal constatação nos impele a pensar que a produção científica, bem como a educação e o ensino, são fortemente afetados pelos modos de produção da vida material, que, no caso da contemporaneidade, estão sob a tutela da lógica do capital. E, para que a ciência possa ter como função primeira a atuação em benefício da humanidade, é imperativo que esta se liberte das regras de financiamento, patentes e concorrências de mercado.

Mais ainda, para que isso aconteça é preciso repensar toda a estrutura e dinâmica da produção científica e buscar unir a força de trabalho à capacidade criadora do ser



humano. Entendendo o trabalho fora da relação mão de obra e mais valia, visto que, com esta ligação,

o homem do saber e o trabalhador produtivo estão amplamente separados um do outro, e a ciência, em vez de nas mãos do trabalhador aumentar suas próprias forças produtivas para ele mesmo, colocou-se contra ele em quase toda parte. [...] O conhecimento torna-se um instrumento capaz de ser separado do trabalho e oposto a ele (THOMPSON, 1824, p. 274, *apud* MARX, 1867, p. 475, nota de rodapé n° 666).

Embora a reflexão que Marx faça se refira a uma época longínqua, ela ainda é atual visto que o trabalho ainda permanece na lógica do capital que apesar de ter novas configurações ainda se mantém no mesmo pilar: a produção da mais valia. Nesse sentido, a produção acadêmica não é de todo autônoma, ela é negociada pela dicotomia: interesses universais e interesses privados, orquestrada pela sociedade das mercadorias⁵.

Assumir esta subordinação da ciência aos ditames do capital, mesmo que pareça contraditório diante de tantos e inesperados inventos e descobertas científicas que modificaram sobremaneira a vida humana, é assumir este condicionante histórico de se viver em uma sociedade das mercadorias.

Não deve, contudo, ser motivo para desânimo ou descrença em um futuro promissor. Afinal, a história é uma construção humana, conseqüentemente, a sociedade burguesa também. Além disso, desnudar este véu pode nos deixar mais alertas, críticos e autocríticos, qualificando nossos passos em direção à construção (e utilização) do conhecimento científico com base em interesses universais.

Outro ponto favorecido por esse descortinar da ciência, retirando-a do patamar de imaculada, é a defesa de que a pesquisa – seja em que área for – tenha uma orientação política, com intenções de intervenção efetiva na sociedade. Assumir isso é compreender que informação e conhecimento são estratégicos diante das disputas pelo poder, imbricadas nas macro e microrrelações sociais. Seja o poder organizado (como o do Estado), o concretizado nas condições materiais de sobrevivência (propriedade privada dos meios de produção) ou o poder simbólico, presente nas diversas representações sociais.

Essa orientação política que ousamos aqui propor teria como inspiração a concepção apresentada por Richard Johnson (2010) ao apontar para os estudos culturais

⁵ Embora os termos sociedade da informação e sociedade do conhecimento venham sendo utilizados para identificar o momento contemporâneo em que as tecnologias digitais vêm causando mudanças consideráveis nos processos sociais, políticos, econômicos e culturais, a estrutura do capitalismo ainda se firma pela lógica da sociedade das mercadorias.



um posicionamento político-intelectual que não se deixa castrar por doutrinas estabelecidas ou por programas de pesquisa vinculados a partidos ou a alguma tendência em particular. Como ele bem diz: “a política que buscamos criar não está ainda plenamente formada.” (p. 21).

Nesse sentido, a pesquisa deve ser “tão abrangente e profunda – mas também tão politicamente orientada – quanto nós a pudermos tornar.” (JOHNSON, 2010, p. 21-22). Não deve, portanto, servir a “propósitos meramente acadêmicos” ou se divorciar das análises de poder e das possibilidades sociais, como reforça este autor.

3. A pesquisa em comunicação

A pesquisa, aqui proposta, está enquadrada como do campo comunicacional, mas quando se olham objetos, objetivos e metodologia propostos, percebe-se de imediato o seu envolvimento com outras áreas do conhecimento, mais ligadas às ciências sociais, antropológicas ou políticas. Diante disso – e também para se obter mais elementos que embasem a escolha de que paradigmas seguir – decidiu-se por refletir, minimamente que seja, sobre o campo de estudo da comunicação. Tarefa nada fácil, visto que as pesquisas em comunicação esbarram com um dilema sobre sua natureza.

[...] além de se encontrar no cruzamento de muitas dimensões do conhecimento e da vida prática, [a pesquisa em comunicação] reúne em torno de si muitos tipos de interesse, inclusive o exercício do poder. É natural, então, que tenham sido formadas compreensões muito variadas sobre as teorias e mesmo sobre a própria natureza do processo comunicacional, o que praticamente inviabiliza qualquer trabalho de síntese e deixa pouco espaço para afirmações categóricas (MARTINO, 2006, p. 34).

Talvez, isso se dê pelo que aponta França (2003, p. 39): “a comunicação tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto do nosso cotidiano, dotado de uma presença quase exaustiva na sociedade contemporânea.”. O emprego do termo *campo da comunicação* esbarra, então, em questionamentos múltiplos que ainda não permitiram uma definição consensual.

Hoje, a maioria dos estudiosos em comunicação se apropria da definição sociológica de *campo*, apresentada por Bourdieu, para justificar o foco da análise nas relações intrínsecas aos agentes sociais, ou seja, o campo comunicacional seria visto por suas instituições de pesquisa, pelas relações de poder nele imbricadas e não pelo conhecimento produzido pelas abordagens teóricas, como propõe a abordagem epistemológica (MARTINO, 2006).



Tais tendências demarcam duas fendas na definição (delimitação) do campo comunicacional: a crítica, comprometida com as lutas sociais e políticas e a científica de viés empírico. Mas essa demarcação não impede uma convergência: ambas compreendem o saber comunicacional como um domínio interdisciplinar.

Seja porque ele é tributário do saber de outras disciplinas científicas, seja porque a própria divisão dos saberes é contestada como um dispositivo ideológico. [...] é a interdisciplinaridade que prevalece e se impõe, não obstante suas contradições, como pano de fundo do pensamento epistemológico. O campo é percebido como interdisciplinar, seja porque se trata de uma etapa em seu desenvolvimento, seja porque isso vem de sua própria natureza do fenômeno em questão (MARTINO, 2006, p. 42-43).

Esse campo interdisciplinar que acolhe os estudos em comunicação, embora seja maleável e impreciso, traz um aspecto positivo que é a possibilidade de transgredir as fronteiras, tão rígidas em outras áreas de conhecimento. Dá, ainda, um caráter transdisciplinar às pesquisas em comunicação, o que nos parece acompanhar a tendência da contemporaneidade em se apoiar em distintas leituras por assumir a impossibilidade de se alcançar plenamente a compreensão da totalidade.

Pensamos, ainda, que essa flexibilidade que torna o campo da comunicação permeável a distintas áreas (e, portanto, a distintos métodos) do conhecimento seja própria de sua epistemologia. É que as pesquisas em comunicação devam se pautar em um pensamento, mas também, em técnicas e procedimentos transdisciplinares, como nos parecem muitos dos objetos em análise deste campo.

Ao aceitar a ideia de interdisciplinaridade (ou ainda de transdisciplinaridade), porém, não se rejeita, aqui, a inclusão da comunicação no plano da ciência, inclusive por compreender as limitações e interligações que interferem a construção do conhecimento científico discutidas anteriormente. Além do que a vinculação entre ciência e realidade “não é – ou não pode ser uma retórica vazia [...] O conhecimento desenvolvido pela ciência é estimulado pela realidade e volta para ela [...]” (FRANÇA, 2003, p. 44). Nem tampouco se nega a necessidade da totalização quando se propõe a investigar a realidade ou aspectos desta.

Por fim, concorda-se com França (2001, s/p) quando a autora diz que “os diálogos interdisciplinares e a construção do lugar próprio não são incompatíveis, mas complementares.”. É preciso, contudo, estruturar melhor o lugar da comunicação como ciência, muito embora este não seja o objetivo deste ensaio. Aqui, o desafio proposto é apenas iniciar as reflexões que desembocam em escolhas para o andamento de nossa



pesquisa que não foge à regra e exige uma abordagem interdisciplinar, melhor dizendo, transdisciplinar.

Deduções primárias que vão ao encontro da preocupação em não cair no erro cometido por muitos estudos de comunicação, como sinaliza Wolf (1995), os quais, mesmo utilizando teorias sociais elaboradas, trabalham com um modelo comunicativo simplista e simplificador, que é o paradigma informacional. Nossa ousadia é construir um olhar que alcance as três dinâmicas básicas apresentadas por França (2001): o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sociocultural (o contexto).

4. Nossa pesquisa

Saber como um site popular (BAB) e uma rádio comunitária (Costa Oeste) comunicam o cotidiano do bairro Antônio Bezerra, e como essa autoimagem construída estimula a organização social e política dos moradores ao reforçar (ou criar?) elos identitários. É este o desafio para os anos de mestrado. A pesquisa “Bairro Antônio Bezerra: histórias e identidades pelas trajetórias do site *AntonioBezerra.Com.Br* e da rádio *Costa Oeste FM 87,9*” suscita, então, questionamentos relacionados ao próprio caráter dessas experiências que se nomeiam populares e comunitárias.

Por se compreender que há intrínseca relação entre elementos identitários e construção de autoimagens, é preciso pensar sobre o que se entende por identidade, sendo esta construída de forma relacional e baseada nas diferenças, pois, para existir, ela depende de algo que esteja fora dela. Considera-se também que a “luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais [...]” (WOODWARD, 2012, p. 10).

Talvez, as desigualdades sociais presentes no bairro Antônio Bezerra e sua localização identificada como na periferia de Fortaleza sejam elementos fundantes dessa identidade que torna os indivíduos não apenas moradores do bairro, mas pertencentes à comunidade local. Visto que a periferia é “o espaço reservado à pobreza urbana.” (MATTOS, 2012). Diante disso, reforça-se a ideia de trabalhar com base no materialismo histórico, defendido por Marx e Engels, que busca explicar a realidade analisada, a partir da constatação e não da normatização, associando-o ao materialismo dialético, também defendido por esses pensadores. Afinal, as relações de dominação, antagonismo e alienação não são explícitas no convívio amiúde. Além disso,

a economia tem imposto, em última análise, opções estreitas aos homens que fazem a história. Isso não significa que a economia seja o sujeito da história, que a economia vai dominar eternamente os movimentos do sujeito humano. Ao contrário: a dialética aponta na direção de uma libertação mais efetiva do ser humano em relação ao cerceamento de condições econômicas ainda desumanas (KONDER, 1988, p. 61-62).

Nessa reflexão sobre como a identidade é criada e como esta se relaciona com o sentimento de comunidade, outra questão a ser posta é a tensão entre as visões essencialista e não essencialista que conceituam o que é identidade e procuram estabelecer os parâmetros para sua construção. Assim, uma perspectiva essencialista sugere a existência de “um conjunto cristalino, autêntico”, com características partilhadas por todos e que não se alteram ao longo do tempo. Já uma “definição não essencialista focalizaria as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas.” (WOODWARD, 2012, p. 12) e prestaria atenção às mudanças que surgiriam ao longo dos anos.

Mas, é mesmo necessária esta separação? Afinal, é possível afirmar a identidade de uma comunidade sem considerar uma história em comum que sirva de base para uma identidade essencialista? Será que as identidades são de todo fluidas e mutantes? Vê-las assim é compatível com a sustentação de um projeto político? Entendendo que a memória, como também as trajetórias individualizadas, podem ser componentes-chave para a construção dessa autoimagem positiva (OLIVEIRA, 2011), o site do Antônio Bezerra fortaleceria a identidade entre os moradores do bairro ao criar seções como “Memórias”, que traz relatos de vida de moradores antigos do bairro?

Que elementos são necessários para se criar uma identidade que faça florescer um sentimento de pertença a uma comunidade específica? A comunidade seria composta por diferentes grupos, resultantes da pluralidade de indivíduos que habitam um mesmo lugar? Quando a *Costa Oeste FM* veicula programas como “A Voz da Comunidade” ou programas que expressam a religiosidade dos moradores estaria favorecendo a criação de elos identitários? Quem são os outros “nós” e “eles” constituídos no local de moradia? Que caminhos se percorrem para que sejam gerados os sentidos de pertença ou de exclusão nos indivíduos?

É somente quando escapamos a uma perspectiva unívoca do sentido da *identidade* construída nos bairros de periferia, como linha evolutiva para a “conquista da cidadania”, que podemos pensar outros modos de viver e conceber o espaço do “bairro” ou da “comunidade” sem reduzi-lo a uma das suas significações possíveis, mas tentando perceber como, nessas diferenças, também se criam perspectivas sobre

a “política” em um processo de organização social bem mais complexo do que uma ideia de *identidade* baseada na “mobilização social” e no progresso em direção à “cidadania” parecem supor (MATTOS, 2012, p. 21) [grifo da autora].

Nesse sentido, a pesquisa proposta quer adentrar no cotidiano do bairro Antônio Bezerra, a partir de uma pesquisa de campo que leve em consideração as rotinas de produção do site BAB e da rádio comunitária Costa Oeste e o dia a dia dos moradores do bairro. Aproximar tais histórias vem da compreensão de que os cotidianos dos moradores podem se entrelaçar aos cotidianos do site e da rádio em questão. Visto que ambos se reivindicam meios de comunicação popular e comunitário; compreendidos como instrumentos para o fortalecimento da cultura e organização social e política (PERUZZO, 2006) e para a criação de autoimagens positivas (OLIVEIRA, 2011).

Além disso, há uma decisão de se distanciar de pesquisas que privilegiam apenas grupos organizados e lideranças instituídas. Abordagens que dominaram a maioria dos trabalhos, produzidos sobre bairros populares no Brasil até o começo deste século (MATTOS, 2012). Assim, a opção é

[...] por utilizar a perspectiva dos antropólogos chamados ‘processualistas’, que preferiram substituir a ideia de grupos, como objetos de pesquisa fundamentais, pela de redes e processos, valorizando as interações sociais concretas, em investigações descritas como microscópicas (GOLDMAN e PALMEIRA, 1996, p. 2-3, *apud* MATTOS, 2012, p. 17-18).

Com essa escolha, aproximamo-nos da concepção do antropólogo marxista, Erick Wolf, que buscou desvendar os meandros do poder e as formas de dominação, trabalhando com as interseções entre cultura, poder e economia política. “Em sua trajetória, sempre historicizou os conceitos e procurou explicações na fluência dos processos sociais e, por conseguinte, nos desdobramentos das formas sociais.” (WOLF, 1987, *apud* RIBEIRO e FELDMAN-BIANCO, 2003, p. 246).

O diálogo se estende a Robert Park (1990) para o qual “a cidade é um grande laboratório social”. Baseia-se, porém, no entendimento de que a etnografia não é somente pesquisa de campo e estudos descritivos para se “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário [...]” (GEERTZ, 1997, p. 15). Ela deve ser compreendida “como um processo de interpretação que pretende e, espera-se que consiga, dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano.” (TRAVANCAS, 2010, p. 98).



Por fim, ao tomar como base a conceituação de Rüdiger (1998, *apud* FRANÇA, 2003) para quem o termo comunicação “deve ser reservado à interação humana, à troca de mensagens entre os seres humanos, sejam quais forem os aparatos responsáveis por sua mediação.” (p. 17), opta-se por estudar a comunicação numa relação direta com os estudos da cultura. Entendendo cultura como “espaço de negociação, conflito, inovação e resistência dentro de relações sociais das sociedades dominadas pelo poder e fraturadas por divisões de gênero, classe e raça.” (ESCOSTEGUY, 2001, *apud* MOREIRA, 2009, p. 216).

Entretanto, por compreender que este palco de conflito e de negociações é erigido historicamente, a partir das condições materiais que sustentam a sociedade, indispensáveis à existência humana, volta-se novamente o olhar para a perspectiva do materialismo histórico e dialético, proposto por Marx, mas fazendo uma relação com os estudos culturais que

dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais. Estas definições adotam algumas das abstrações simples de Marx, mas também as utilizam de acordo com sua ressonância contemporânea (JOHNSON, 2010, p. 25).

O desafio então está posto: realizar uma pesquisa etnográfica no bairro Antônio Bezerra, na periferia de Fortaleza-Ceará, para observar como o site popular BAB e a rádio comunitária Costa Oeste constroem e/ou reforçam uma autoimagem do bairro, fomentando um sentimento de pertença que os identifique como de uma mesma comunidade, e estimule a organização social e política destes indivíduos. Direcionar este trabalho ao campo das pesquisas em comunicação que dialogam com os estudos culturais, mas sem perder de vista o materialismo histórico e dialético, proposto por Marx.

5. Considerações finais

Quando se inicia uma pesquisa, especialmente quando ainda se engatinha no terreno da construção científica, muitas dúvidas, anseios, expectativas se inter cruzam com a racionalidade necessária ao julgamento que indicará que caminhos percorrer. Saber dos limites históricos da ciência não apazigua o desejo de encontrar as respostas e elaborar um pensamento que dê conta da totalidade do objeto escolhido para análise.



Longe disso. Estar ciente da existência de tantos matizes que interferem no fazer da ciência, que colocam em risco a autonomia do pensar nos obriga a assumir a responsabilidade social que a condição de pesquisadora exige. Embora se busque o rigor próprio dos métodos científicos consagrados – e o debruçar sobre a literatura já existente se torna imprescindível como a imersão no campo –, não é possível nos apartar da nossa condição social e histórica, inerente a todo ser humano.

6. Referências

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação e cultura popular: as prosopopeias na rua, no meio do redemoinho. In: FESTA, Regina e SILVA, Carlos Eduardo Lins da (orgs.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo-SP: Paulinas, 1986.

OBSCOMCOM (Observatório de Comunicação Comunitária). **Mapa das Rádios Comunitárias**, 2008. Disponível em: <<http://artigo19.org/obscomcom/radcom/mapa/index.php>>. Acesso: 13/07/2013.

DIÁRIO DO NORDESTE, jornal. **Moradores comemoram 65 anos**. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=263636>>. Último acesso: 13 de outubro de 2012.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Radical indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação. In.: **XVII Encontro da Compós**, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNIP. São Paulo-SP, junho de 2008.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In.: **Ciberlegenda**, 2001, n° 5. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>>. Acesso: 03/08/2013.

_____. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In.: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2003. p. 39-59.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

IANNI, Octavio. **Karl Marx: sociologia**. São Paulo-SP: Editora Ática, 1979.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**, 4ª ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2010.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. WOLF 25 ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I – O processo de produção do capital, 1867.

MARTINO, Luiz C. Abordagens e representação do campo comunicacional. In.: **Comunicação, mídia e consumo**. Dossiê vol. 3 n° 8 p. 33 – 54. São Paulo, nov. 2006.

MATTOS, Geísa. **A Favor da Comunidade - modos de viver a política no bairro**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.



MOREIRA, Diego Gouveia. *Coproduções na Rede Globo: protagonismo da periferia, sob a ótica da elite*. In.: **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, Rio de Janeiro, Unisinos, v. 11, n 3, p. 211-218, setembro/dezembro 2009.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. Produção de notícia e valorização de sujeitos, o uso da internet pelos movimentos sociais populares. In: ALEXANDRE, Barbalho, FUSER, Bruno e COGO, Denise (orgs.). **Comunicação e Cidadania: questões contemporâneas**. Fortaleza-CE: Edições Demócrito Rocha, 2011.

PARK, Robert. La ville comme laboratoire social. In: GRAFMEYER, Y. e JOSEPH, I. **L'École de Chicago**. Paris: Aubier, 1990.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília-DF: Intercom, 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins e FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. In.: **Etnográfica**, vol. VII (2), 2003, pp. 245-281. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_245-282.pdf>. Acesso: 03/07/2013.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo-SP: Editora Atlas, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4ª ed. Lisboa: Presença, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.